

**DE APRENDIZ A MESTRE-ESCOLA: A TRAJETÓRIA EDUCATIVA DE FRANCISCO MIGUEL DE MOURA, NAS PÁGINAS DE “MIGUEL GUARANI: MESTRE E VIOLEIRO”**

**CRISTIANE FEITOSA PINHEIRO**

Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Piauí. cristianeufpi@gmail.com

**MARIA DO AMPARO BORGES FERRO**

Doutora em Educação pela USP. Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Piauí. amparoferro@uol.com.br

**RESUMO**

O artigo trata da trajetória educativa do literato piauiense Francisco Miguel de Moura, a partir do enredo de “Miguel Guarani: mestre e violeiro”, obra biográfica de sua autoria que trata da história de vida de seu pai, Miguel Borges de Moura que ocupou posição de destaque como mestre-escola e violeiro, na grande região de Picos-PI e que influenciou a formação docente de seu filho. Para tanto, serão adotados os aportes teóricos da Nova História Cultural a partir dos estudos de Le Goff (1998), Burke (1992), Bloch (2001) e Chartier (1990), das orientações metodológicas de Bosi (1994) e Halbwachs (1990), da História da Educação, dentre eles, Lopes e Galvão (2001), Souza (2000), Pereira (1996), Sampaio (1996), Costa Filho (2006), Pinheiro (2007), além dos debates em torno da formação e saberes docentes empreendidos por Nóvoa (1989), Formosinho (2009) e Tardif (2003). Trata-se de pesquisa histórica em que se adotou como método a pesquisa documental.

**Palavras-chave:** Biografia. Memória educativa. História da Educação. Mestres-escola.

**DE APRENDIZ A MESTRE-ESCOLA: A TRAJETÓRIA EDUCATIVA DE FRANCISCO MIGUEL DE MOURA, NAS PÁGINAS DE “MIGUEL GUARANI: MESTRE E VIOLEIRO”**

**ABSTRACT**

The paper deals with the educational trajectory of Piauí’s writer Francisco Miguel de Moura, from the plot of “Miguel Guarani: mestre e violeiro”, a biographical work of his own that deals with the history of his father’s life, Miguel Borges de Moura who occupied a prominent position as schoolmaster and guitarist in the vast region of Picos-PI and that influenced teacher’s education for his child. To do so the theoretical contributions of the New Cultural History will be adopted from the studies of Le Goff (1998), Burke (1992), Bloch (2001) and Chartier (1990) as well as Bosi’s methodological guidelines (1994) and Halbwachs’ History of Education (1990), together with Lopes and Galvão (2001), Souza (2000), Pereira (1996), Sampaio (1996), Costa Filho (2006), Pine (2007), in addition to the debates surrounding the teacher’s education and knowledge acquisition undertaken by Nóvoa (1989), Formosinho (2009) and Tardif (2003). This is a historical research that adopted the documentation research as a method.

**Keywords:** Biography. Educational memory. History of Education. Schoolmasters.

**Introdução**

O presente artigo está baseado em uma pesquisa mais ampla, em que se buscará historiar a memória escolar de escritores piauienses, entre os anos de 1940 e 1950 e os possíveis impactos da formação escolar na sua constituição de sujeitos leitores e escritores.

Para tanto, serão consideradas como matéria de análise dados como a história da infância, antes de ingressarem na escola oficial, a configuração do chamado espaço educativo engendrador desses sujeitos, as relações estabelecidas na família, vizinhança e escola, os métodos de ensino que circulavam no período eleito para a pesquisa, assim como os sistemas de disciplina e punição que se estabeleceram no contexto e a cultura escolar por eles vivenciada, além de outras questões que o andamento da pesquisa revelar.

O corte de investigação que se fará neste artigo restringir-se-á aos processos de formação escolar e docente do escritor Francisco Miguel de Moura e, no estudo que aqui se pretende fazer, responder ao seguinte problema de pesquisa: De que maneira se processou o ensino das primeiras letras, empreendido pelo mestre Miguel Guarani, na cidade de Picos-PI, e como esse modelo de ensino influenciou a formação escolar e docente do escritor Francisco Miguel de Moura?

Como fonte norteadora da pesquisa, para a elaboração do objeto deste trabalho, adotou-se o livro biográfico “Miguel Guarani: mestre e violeiro”, de Francisco Miguel de Moura, um dos principais autores piauienses e que se constitui um dos agentes históricos pesquisados.

Neste artigo, buscou-se historiar a trajetória formativa e as práticas docentes do mestre-escola Miguel Borges de Moura (1910- 1971), conhecido em Picos e macrorregião como mestre Miguel Guarani, pai do literato piauiense Francisco Miguel de Moura, entre os anos de 1943 a 1971, e como tais práticas foram capazes de influenciar o próprio Francisco Miguel a se tornar também professor.

O trabalho foi realizado adotando como suporte teórico-metodológico os postulados da Nova História Cultural, a partir do crivo teórico de Le Goff (1998), Burke (1992) e Chartier (1990), da História da Educação, dentre eles, Romanelli (1993), Lopes e Galvão (2001), Souza (2000), Pereira (1996), Sampaio (1996), Costa Filho (2006), Pinheiro (2007), além dos debates em torno da formação e saberes docentes empreendidos por Nóvoa (1989), Formosinho (2009) e Tardif (2003). Trata-se de pesquisa histórica em que se adotou como método a pesquisa documental.

### **Centrando o objeto de investigação em seu espaço teórico-metodológico**

Indiscutível a importância da literatura para a definição cultural de um povo. Através dela, tem-se a apresentação das Letras de uma nação, caracterizadoras do nível intelectual e sensível daqueles que a produzem. Os escritores de um país são os responsáveis pela

construção das representações que o homem de um dado período da História possui a respeito de temas das mais variadas áreas.

Exercem os literatos papel de fundamental importância, não apenas estético, com suas produções, mas também social, cultural e histórico, em virtude da obra que produzem. Segundo Carlos Reis (1999, p. 52):

Qualquer reflexão sobre a dimensão sociocultural da literatura deverá atentar em diversos aspectos da situação do escritor, no que toca à responsabilidade cultural que lhe cabe, aos direitos de que se reclama e aos deveres que lhe podem ser imputados, bem como a um conjunto de mecanismos (de ordem econômica, ideológica, psicológica, etc) que o configuram como entidade socialmente relevante.

E é como entidade histórica e socialmente relevante que se pretende estudar as memórias educativas e docentes, do escritor piauiense Francisco Miguel de Moura, a partir da sua obra “Miguel Guarani: mestre e violeiro”, publicada em 2005.

O escritor eleito para a pesquisa se justifica em virtude da sua importância no cenário literário e crítico piauiense. Como poeta, prosador, crítico literário, biógrafo, memorialista é ele, atualmente, um dos maiores expoentes vivos da literatura piauiense, ainda capaz de relatar suas experiências escolares como aluno e como professor e traçar um perfil, não apenas do momento histórico em que viveu, estudou e lecionou, mas também informar o papel da escola na condução de sua formação de leitor e de escritor, etapa vindoura da pesquisa, em que se coletarão os relatos orais do escritor.

Obter informações sobre a formação escolar e docente desse escritor é de importância para a História da Educação, que vem se ocupando de temas diversos que envolvem o cotidiano escolar e as pessoas que transitam ou transitaram em escolas, uma vez que se trata de sujeito histórico que contribuiu e ainda contribui para a construção do cânone literário piauiense.

Práticas de estudos da obra do escritor eleito para a pesquisa são comuns nos Cursos de Letras e História do Brasil. Porém, estudar as memórias escolares de escritores como o que se pretende fazer ainda não foi feito e se não se escreverem essas memórias, parte importante da vida do autor eleito para estudo deixará de ser de domínio público e muito se perderá com isso.

Sendo a educação um produto histórico, necessário é promover o seu estudo, conhecê-la, resgatar o seu passado para entender o seu presente. Dessa forma, a História da Educação, como parte da História da Cultura, é a responsável por tal empresa, responsável

por construir e interpretar a história da educação do país, uma vez que essa é uma manifestação cultural.

E, quem é Francisco Miguel de Moura? Qual a importância dele no cenário literário piauiense? É preciso, pois, apresentar esse agente histórico para que se valide a importância de suas memórias educativas.

**Francisco Miguel de Moura** ou, simplesmente, **Chico Miguel** é natural de Francisco Santos, nascido a 16 de junho de 1933. Foi um dos fundadores do Círculo Literário Piauiense e da Revista Cirandinha. Membro da Academia Piauiense de Letras, poeta e crítico literário, escreveu, dentre outras as seguintes obras: *Areias* (1966), *Linguagem e comunicação em O. G. Rêgo de Carvalho* (1972), *Pedras em sobressalto* (1974), *A poesia social de Castro Alves* (1979), *Universo das águas* (1979), *Terra, história e literatura* (1980), *Bar Carnaúba* (1983), *Os estigmas* (1984), *Quinteto em mi(m)* (1986), *Eu e meu amigo Charles Brown* (1986), *Sonetos da paixão* (1988), *Laços do poder* (1991), *Poemas ou/tonais* (1991), *Ternura* (1993), *A vida se faz crônica* (1996), *Miguel Guarani: mestre e vaqueiro* (2005) e *O menino quase perdido* (2009), sua trigésima obra.

Lopes e Galvão (2001, p. 88) fazem a seguinte indagação: “O que pretende um historiador, cuja matéria é o tempo passado, ouvir?”. Muitas são as buscas do historiador, muitas são as suas inquietações. E, a partir das suas inquietações, ele se torna o responsável por trazer ao presente, fatos que aconteceram e foram vivenciados por pessoas diversas; busca o historiador explicar o passado, com o propósito de dar luz ao presente.

Esse mexer no passado faz com que o homem do presente o entenda e possa valorizá-lo. Dessa forma, ter acesso às memórias educativas e de formação docente do escritor piauiense sob comento é dar a esse agente histórico a oportunidade de contar as suas memórias de formação, não de forma estética como faz em suas obras, mas como pessoa que viveu uma determinada época escolar.

A escola e seu cotidiano possuem uma história, estudá-la é conferir aos que por ela passaram a oportunidade de dizerem como leram o grande texto escolar e como se sentiram enquanto nela estavam. Essa leitura invariavelmente passará pela leitura do contexto social e histórico em que estavam inseridos.

A atividade de leitura do passado no presente será feita através da memória do escritor que ajudou, com sua produção literária e biográfica, a formar o cânone estético escrito do Estado do Piauí. Segundo Bloch (2001, p. 42), “[...] nossa arte, nossos

monumentos literários estão carregados dos ecos do passado, nossos homens de ação trazem incessantemente na boca, suas lições reais ou supostas”.

Esses “ecos do passado” educativo – tanto o escolar quanto o não-escolar- serão não apenas registrados, mas lidos e interpretados, com o fito de se entender como se deu a formação educativa e a trajetória docente desse “homem de ação” e como essa formação o conduziu a se tornar escritor.

Para tanto, serão adotados na pesquisa os aportes teóricos oriundos da **Nova História Cultural**, que oportuniza ao pesquisador investigar temas que antes não eram considerados como acontecimentos históricos importantes, logo, deveriam ficar afastados do registro histórico. Segundo Lopes e Galvão (2001, p. 39):

A ‘revolução’ provocada no campo da História, sobretudo pela Escola dos Annales e, posteriormente, pelo que se convencionou denominar de Nova História, que buscou alargar os objetos, as fontes e as abordagens utilizados tradicionalmente na pesquisa historiográfica, aos poucos influenciou os historiadores da educação.

A **Nova História Cultural** considera de importância para o estudo e registro histórico a **micro-história** e a **história da vida cotidiana**. Segundo Burke (1992, p. 23), “outrora rejeitada como trivial, a história da vida cotidiana é encarada agora, por alguns historiadores, como a única história verdadeira, o centro a que tudo o mais deve ser relacionado”.

Ao colocar o cotidiano como centro, a História Cultural dá possibilidade ao aparecimento do **discurso não-oficial**, o discurso elaborado por grupos que, do contrário, não teriam oportunidade de ver sua voz em evidência, excluindo a idéia de trivialidade que tais discursos poderiam conter e valorizando o seu conteúdo. Enquanto discurso não-oficial, a voz dos que viveram, de fato, a história é agora valorizada, sendo elevada à categoria de **documento**. Documento portador de um enredo peculiar: o enredo da vida, o enredo dos que viveram os episódios da história. Em franca substituição ao chamado **discurso oficial** oriundo dos gabinetes, eivados de intencionalidade e construídos em torno de uma determinada ideologia em vigor. Conforme Souza (2000, p. 52):

É preciso que a história da educação inclua o ponto de vista desses seus agentes, além de outros, como pais e administradores, e não somente o ponto de vista do discurso emanado das esferas mais altas do poder institucional.

O discurso oriundo da memória do escritor Francisco Miguel de Moura, a partir da obra biográfica por ele escrita, relatando sua trajetória educativa, a partir da figura de seu

pai, o mestre Miguel Guarani, encontra-se no rol dos discursos não-oficiais, logo, recebidos pelas propostas da Nova História Cultural.

Nesse viés teórico, serão discutidas as ideias de práticas, representações e apropriações, conforme linha de pensamento de Roger Chartier (1990, p. 52), para quem:

A história cultural, tal como a entendemos, tem por principal objetivo identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler. Uma tarefa desse tipo supõe vários caminhos [...]. Representação, prática, apropriação. [...] Por um lado é preciso pensá-la como a análise da representação, isto é, das classificações e das exclusões que constituem, na sua diferença radical, as configurações sociais e conceptuais próprias de um tempo ou de um espaço. As estruturas do mundo social não um dado objetivo, tal como não são as categorias intelectuais e psicológicas: todas elas são historicamente produzidas pelas práticas articuladas (políticas, sociais, discursivas) que constroem as suas figuras. São estas demarcações e os esquemas que as modelam, que constituem o objeto de uma história cultural levada a repensar completamente a relação tradicionalmente postulada entre o social e o cultural, identificando com um real bem real, existindo por si próprio, e as representações, supostas como repetindo-o ou dele se desviando.

A história de vida do escritor escolhido para a pesquisa servirá para formar uma construção histórica mais alicerçada desse agente, uma vez que será ele mesmo que narrará a vida do mestre-escola com quem conviveu, sua própria vida, sua formação escolar, seus primeiros passos na docência também como mestre-escola, seu passado mais poético e que ainda não se encontra nos registros de seus dados biográficos.

Para escrever sobre a história de vida educativa do escritor Francisco Miguel de Moura, adotou-se como fonte primeira os registros de memória encontrados na obra biográfica Miguel Guarani: mestre e violeiro, escrita pelo autor e que relata a trajetória de vida de seu pai, o professor e violeiro Miguel Borges de Moura, onde também se encontram registros dos primeiros passos de Francisco Miguel de Moura, na docência. Para Le Goff (1998, p. 28),

[...] a história nova ampliou o campo do documento histórico; ela substituiu a história [...] fundada essencialmente nos textos, no documento escrito, por uma história baseada numa multiplicidade de documentos: escritos de todos os tipos, documentos figurados, produtos de escavações arqueológicas, documentos orais, etc.

Buscar informações do passado a partir do depoimento presente de quem o viveu é oportunidade de dar-lhe sentido, de estabelecer relação e significado entre o que será relatado e as pessoas que viveram os fatos. No dizer de Bosi (1994, p. 90):

A memória é a faculdade épica por excelência. Não se pode perder, no deserto dos tempos, uma só gota da água irisada que, nômades, passamos do côncavo

de uma para outra mão. A história deve reproduzir-se de geração a geração, gerar muitas outras, cujos fios se cruzem, prolongando o original, puxados por outros dedos.

Através da biografia do pai do autor, escrita pelo próprio Francisco Miguel, a partir de sua memória e a daqueles que conviveram com o velho mestre-escola, a memória foi ativada e as vivências foram registradas.

Dissertando sobre o papel da memória, Halbwachs (1990, p.51) afirma que “cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios”. A partir, pois, do conteúdo da biografia eleita como fonte, encontrar-se-á não apenas o registro da memória individual do escritor, mas também a própria memória coletiva dos que viveram o processo educacional em Picos-PI, durante os anos em que o mestre-escola Miguel Guarani ali atuou, de 1943 a 1971.

### **O mestre-escola e sua ação educativa: o ensino das primeiras letras**

O ensino das primeiras letras no interior do Brasil vem sendo historiado e analisado por diversos historiadores da educação, na tentativa de mapear modelos educacionais, tipos de professores, suas práticas, o cotidiano escolar, as relações existentes entre alunos e professores, as ações governamentais, as descobertas da sexualidade, as representações e outros temas que gravitam em torno da educação.

Uma das figuras históricas que têm sido analisadas é a do mestre-escola. Nóvoa (1987), em seu artigo “Do mestre-escola ao professor do ensino primário: subsídios para a história da profissão docente em Portugal (séculos XV a XX)” promove um debate em torno da figura do velho mestre. Apresenta um painel da diversidade de tipos de mestres-escola que atuavam em Portugal, que vai desde artesãos a trabalhadores que não poderiam exercer atividades desgastantes. Segundo Nóvoa (1987, p. 417-418):

A caracterização sociológica dos mestres-escola não é muito fácil, devido a grande heterogeneidade dos indivíduos que exercem actividades docentes. Há um pouco de tudo:

- Artesãos que, paralelamente a seu ofício, ensinam as crianças a ler e, por vezes, a escrever: há numerosas referências de sapateiros, barbeiros, carpinteiros, etc., que foram mestres-escola;
- Particulares que, sobretudo nas cidades, dão lições privadas nas casas dos nobres e dos burgueses ricos, frequentemente a troco de uma simples refeição;
- Trabalhadores que, impedidos de exercer actividades desgastantes do ponto de vista físico, recebem crianças em suas casas;
- Homens ligados a vida religiosa, membros de alguma congregação religiosa [...] ou ajudantes dos párocos [...].

Essa heterogeneidade de perfis, em Portugal, revela a situação em que estava inserida a educação da época. No entanto, mesmo diversificada em tipos humanos, Nóvoa (1987) apresenta três traços comuns aos mestres-escola em Portugal, a saber, quase todos estavam sob o controle do Estado e não da igreja, tratava-se de uma profissão bastante desvalorizada socialmente e essa não era a profissão principal dos que a exerciam.

Em “Velhas escolas, grandes mestres”, Antônio Sampaio Pereira (1996) historia a trajetória de mestres-escolas, a partir de relatos biográficos, que atuaram em Esperantina-PI, ainda quando era o povoado Retiro da Boa Esperança, em meados do século XIX. Segundo Pereira (1996, p. 15):

Lá pelos idos do outro século, o povoado Retiro da Boa Esperança contava com duas escolas, cujas famas muito empolgaram os moradores do povoado e a matutada das redondezas, que, sem elas, não dispunham de meios para ensinar aos filhos, portanto, só os mais abastados mandavam letrar seus rebentos em Barras, que naquela época já tinha foros de centro adiantado e possuía alguns mestres de meter fé. Os nossos lentes não desmereciam a confiança do povo e, se bem que não fossem sábios engenhos, mas, para o meio e a época, não deixavam de ser meias sumidades. Eram, mestre Luiz Aleijado e mestre Belarmino Bola-de-Ouro, sem favor da minha pena, brilhantes educadores.

Percebe-se que, diferentemente de Portugal, os mestres-escola eram necessários e contavam com o apoio e respeito da população, embora fique claro que, como em Portugal, também não possuíam uma boa formação o que certamente engendrava uma educação com fragilidades.

Mesmo assim, ter com um mestre-escola ao alcance para ensinar as crianças a ler, escrever e contar, além de outros ensinamentos necessários à sobrevivência do homem no meio rural, era algo para ser preservado, uma vez que conseguir contratar um profissional desse não era tarefa das mais fáceis. Sampaio (1996, p. 21) diz:

Naquele tempo, um mestre era um verdadeiro achado e quem tivesse a sorte de ter um à mão, nunca ousava desgostá-lo, nem que fosse por força de um motivo forte. Ao mestre dava-se carta branca e, contrariá-lo com a supressão de tais prerrogativas, seria uma temeridade.

A carta branca que os contratantes, pais das crianças, davam aos mestres-escola em Esperantina, traduz-se na confiança que possuíam neles de serem os depositários imediatos de saberes experienciais que eram capazes de ensinarem-nas as primeiras letras e, assim, tirarem-nas da condição de analfabetas.

Pesquisando em torno do processo de escolarização no Piauí, no século XIX, Alcebíades Costa Filho (2006), em “A escola do sertão: ensino e sociedade no Piauí, em



1850-1889”, dá destaque à ação educativa dos mestres-escola nas fazendas piauienses. Conforme Costa Filho (2006, p. 71):

[...] quando os filhos dos fazendeiros estavam em idade de serem alfabetizados, o pai contratava um professor, um mestre ambulante, que ministrava aulas na própria fazenda. Assim, muitos filhos de agregados e, casualmente, algum filho de escravo, aprendia a ler, escrever e contar.

Eram, pois, os mestres-escola contratados pelas famílias locais que desempenhavam o papel de professores, transmitindo às crianças locais o mínimo de conhecimentos, uma vez que o ensino oficial não chegava em todos os lugares.

O acesso aos saberes dos mestres-escola também cruza com a biografia de alguns posteriores intelectuais do Piauí que, na infância, foram alunos desses mestres. Costa Filho (2006, p. 77) defende que:

[...] no Piauí também existiam escolas familiares e que esse tipo de escola perdurou para além do período colonial. Sabe-se que foi no âmbito do espaço doméstico que figuras como Leonardo de Carvalho Castelo Branco, Marcos de Araújo Costa, Antonio Coelho Rodrigues, Augusto da Cunha Castelo Branco, Luísa Amélia de Queirós Brandão, Hermínio Castelo Branco e Higinio Cícero da Cunha foram alfabetizadas e iniciaram seus estudos relativos ao ensino secundário. Essas personalidades e outras tantas receberam ensinamentos de seus pais, de irmãos mais velhos, dos tios, dos amigos da família ou de mestres contratados.

As escolas familiares atravessaram a Colônia e chegaram à República, como foi o caso do vivido pelo mestre-escola Miguel Guarani, do qual se fará análise em tópico específico.

Em esforço pioneiro de historiar a educação em Isaías Coelho-PI, Welbert Feitosa Pinheiro (2007), através de sua pesquisa de Mestrado intitulada “De Tamboril a Isaías Coelho: a educação dos mestres-escola ao grupo escolar (1935 a 1970)”, destinou espaço em sua investigação ao trabalho pedagógico dos mestres-escola. Traça não apenas o perfil dos velhos mestres mas também disserta sobre as suas práticas no cotidiano do ensino. Conforme Pinheiro (2007, p. 73):

A **educação** em Tamboril foi alicerçada inicialmente pela presença esporádica de mestres-escola que se notabilizaram pelo ensino de primeiras letras. A permanência por um curto período de tempo desses **autodidatas do sertão** deve-se ao fato do isolamento em que este povoado se encontrava, distante dos grandes centros urbanos e pelo fim do contrato estabelecido entre o mestre-escola e fazendeiros e comerciantes locais. Findo o prazo de estada do mestre-escola junto à família que o contratava, que se concluía após à alfabetização das crianças, este ia exercer o seu ofício em outras paragens.

É descrita, pois, a situação de itinerância em que viviam os mestres-escolas. Concluída a meta de alfabetizar as crianças, partiam para outros lugares, em busca de novos contratos pedagógicos.

### **O ser mestre-escola: a formação na prática e as práticas docentes**

Deve-se considerar também como se dava o processo de formação do mestre-escola. Como homens simples do povo se constituíam em responsáveis pelo ensino-aprendizagem de crianças, em um contexto de escassez de professores formados pelas raras escolas normais existentes?

Pelo que Nóvoa (1989, p. 418) analisa, os mestres-escola eram homens de “minguada ciência”, logo, desprovidos de uma formação escolar para o ensino, mas, mesmo assim, portadores de um saber que promovia uma mudança no ser infantil com quem entravam em contato e para quem se voltavam no cotidiano de ensino. Conforme lições de Formosinho (2009, p. 94):

A docência implica, ao mesmo tempo, um desempenho intelectual e um desempenho técnico, um desempenho relacional e um desempenho moral, que exige o empenhamento cívico dos professores e o seu compromisso com os outros. Isto é, assume-se que a docência é uma atividade de serviço, que o professor é, para além de especialista numa área do saber, também um profissional de ajuda, um agente de desenvolvimento humano.

É, pois, como “um agente de desenvolvimento humano” que se deve olhar para o mestre-escola e para a docência por ele desempenhada como uma “atividade de serviço”. Só assim se pode entender a sua ação educativa e dar a ele o devido reconhecimento profissional.

Não havia uma escola de mestres-escola. Eles se formavam em serviço exatamente porque também foram alunos de alguém, talvez um outro mestre de quem tenha adquirido os rudimentos das primeiras letras e as técnicas de ensinar, ou como afirma Formosinho (2009, p. 95), “a docência é uma profissão que se aprende desde que se entra na escola, pela observação do comportamento dos nossos professores”.

Essa observação do outro, do como se portar e do quê ensinar certamente foram os ingredientes responsáveis pela constituição do mestre-escola, da mesma forma que o é dos professores de profissão. É na escola que se passa uma boa parte da vida, nela se aprende não apenas os conhecimentos escolares, mas também como se deve agir diante de diversas situações. Formosinho (2009, p. 99) defende que se deve conceituar a profissão de professor como:

Um ofício que se aprende ao longo da infância, da adolescência e da juventude; de modo artesanal e intensivo; na pré-escola e na escola; perante companheiros e mestres, ao lado de outros aprendizes.

É nesse circuito do cotidiano, pois, que se dá a formação docente e foi nele que se engendrou a formação dos mestres-escola. A vida escolar é o espaço prático da formação dos mestres, pois.

Como atividade de serviço que é, a docência também produz em serviço. A produção de que se fala recebe o nome de saberes e são, como defende Tardif (2003, p. 15) ligados “a uma situação de trabalho com outros (alunos, colegas, pais, etc.), um saber ancorado numa tarefa complexa (ensinar), situado num espaço de trabalho (a sala de aula, a escola), enraizado numa instituição e numa sociedade”.

Trata-se, como se vê, de um saber social, que nasce em uma situação de trabalho e está diretamente relacionado aos interesses e perfil de uma dada sociedade. São os chamados saberes práticos ou experienciais que dão a dinâmica ao trabalho do mestre-escola, originados da prática cotidiana e por ela validados. Tardif (2003, p. 48-49) conceitua os saberes experienciais como sendo

O conjunto de saberes atualizados, adquiridos e necessários no âmbito da prática docente e que não provêm das instituições de formação nem dos currículos. Estes saberes não se encontram sistematizados em doutrinas ou teorias. São saberes práticos (e não da prática: eles não se superpõem à prática para melhor conhecê-la, mas se integram a ela e dela são partes constituintes enquanto prática docente) e formam um conjunto de representações a partir das quais os professores interpretam, compreendem, orientam sua profissão e sua prática cotidiana em todas as suas dimensões. Eles constituem, por assim dizer, a cultura docente em ação.

São, pois, os saberes práticos que dão embasamento à ação docente dos mestres-escola. A cultura docente em ação foi a assimilada e é a que é vivida pelos mestres.

Para se falar da formação desse profissional para a atuação no magistério é, pois, necessário, voltar-se para o seu processo de formação escolar, quando ainda era aluno e, na vivência das práticas docentes de outros mestres, assimilou métodos de ensino e de aprendizagem.

### **De Miguel Guarani a Chico Miguel: o cruzamento da história de vida de dois mestres-escola a partir de relatos biográficos**

Com a ampliação do conceito de documento, no campo historiográfico, as biografias ganharam espaço como documento capaz de revelar fatos importantes da trajetória não apenas da vida do biografado, mas também de um povo.

Pode-se pensar com isso que apenas as biografias dos grandes homens, daqueles que o Estado define como tal, devem ser escritas, lidas, investigadas. A Nova História, a partir do que defende a micro-história, alargou não apenas o conceito de fonte, mas também trouxe à baila da investigação histórica o homem do povo, a arraia-miúda. Le Goff (2003, p. 106), ao falar sobre o ofício do historiador, defende que

[...] durante muito tempo, os historiadores pensaram que os verdadeiros documentos históricos eram os que esclareciam a parte da história dos homens digna de ser conservada, transmitida e estudada: a história dos grandes acontecimentos (vida dos homens, acontecimentos militares e diplomáticos, batalhas e tratados), a história política e institucional.

Não é a história dos grandes acontecimentos apenas que interessa à História, em seu bojo multiforme, cabem também as histórias de esquina, uma vez que não apenas os homens dos gabinetes fazem a história de um país, mas também os homens de vida simples, de simples hábitos.

E, em virtude disso, “o caráter multiforme da documentação histórica” (LE GOFF, 2003, p. 107) abraça documentos que antes eram desprezados pelos historiadores. Dentre eles, as biografias. Documento que aqui será elevado à categoria de fonte, para o registro da história da educação.

A obra biográfica “Miguel Guarani: mestre e violeiro”, de Francisco Miguel de Moura, foi publicada em 2005 e descreve a trajetória de vida de Miguel Borges de Moura, apelidado Guarani, nascido em 18 de maio de 1910, no povoado Diogo, lugarejo da fazenda Jenipapeiro, em Picos-PI, atualmente o município de Francisco Santos-PI e falecido em 7 de agosto de 1971, em Santo Antônio de Lisboa-PI.

Trata-se de obra dividida em três partes: I. A história – onde o relato bio-autobiográfico acontece -, II. Obra poética – em que são registrados os desafios de viola empreendidos pelo biografado e III. A família Moura – em que são apresentados os nomes dos familiares do Mestre Miguel Guarani. É, na primeira parte da obra, que se concentra a construção biográfica do velho mestre-escola, da sua formação, das suas práticas docentes, da sua vida e de como Chico Miguel começou o ofício de mestre.

Relato de vida centrado em Picos dos idos de 1910, quando nasce Miguel Borges de Moura e se estende até a sua morte, em 1971. Em toda a biografia a figura do mestre é dada a conhecimento. De sua infância no lugarejo Diogo, onde aprendeu a ler, escrever e contar, com o seu pai, o senhor Feliciano Borges de Moura, conhecido pela alcunha de Sinhô do Diogo, até quando assumiu, em 1941, o ofício de mestre-escola contratado pelo

município de Picos para atuar em um povoado distante chamado Aroeiras, tem-se informações importantes da terra, do homem e da educação no município picoense, até chegar-se a constituir professor de escola municipal.

Destaque importante nessa biografia é o cruzamento de relatos de vida que se estabelece entre o mestre Miguel Guarani e a passagem do ofício ao seu filho primogênito, Francisco Miguel de Moura, quando estabelecidos no povoado Rodeador, hoje o município de Santo Antônio de Lisboa-PI, em meados de 1946. A esse momento da narrativa atribuiu-se o nome de bioautobiografia, uma vez que a biografia do velho mestre é narrada e a autobiografia do narrador vem à tona.

### **O tornar-se mestre-escola: agentes de desenvolvimento humano em uma atividade de serviço**

Uma vez que não existiam escolas instituídas pelo poder público municipal na maioria dos povoados em Picos, a saída encontrada pelos moradores da zona rural era ou eles mesmos ensinarem os seus filhos a ler, escrever e contar ou contratarem os mestres - escolas para executarem o ofício de ensinar por uma temporada, até quando as crianças se alfabetizassem. Feliciano Borges de Moura optou por ele mesmo ensinar o filho Miguel Borges de Moura a ler, escrever e contar. Na biografia, Moura (2005, p. 23) relata:

Como não podia contratar um mestre para educar os filhos em casa, o velho Sinhô resolveu que passaria Miguel a pronto, que era o mais velho dos varões, ensinando-o a ler, escrever e fazer as quatro operações, e, se desse para a coisa, torná-lo-ia, consequentemente, o professor dos irmãos e irmãs.

A decisão do velho pai implicava em escolher um dos filhos para ser alfabetizado e, em seguida, este se responsabilizaria pela alfabetização dos irmãos. Não sabia o senhor Feliciano que ali começaria a constituição de um futuro mestre-escola que ajudaria muitas crianças da macrorregião de Picos a saírem do analfabetismo.

Miguel tinha apenas cinco ou seis anos de idade quando começou a ser alfabetizado. Moura (2005, p. 24) informa:

Miguel crescia mais em vivacidade e inteligência que no corpo. Mesmo franzino e magro, numa bela manhã de sol e calor, Sinhô do Diogo começa o planejado. Chama o filho, pega da “Carta de ABC” e passa-lhe como tarefa todo o alfabeto.

– Quando eu chegar da roça quero conta desta lição.

À noite, à luz da lamparina, Sinhô chama o filho e manda que leia. Para sua surpresa, o menino – devia ter entre 5 ou 6 anos – soube todas as letras na carretilha. E examinadas uma por uma, salteadas, reconheceu-as sem titubear.

O menino franzino era inteligente e conseguiu, a partir dos ensinamentos de seu pai, aprender a ler. Do conhecimento das letras à soletração e leitura de palavras foi um processo rápido. O pai-mestre, mestre-de-filhos, prosseguiu no ensinamento. Conforme Moura (2005, p. 24):

Sinhô animou-se. Nos dias seguintes passou-lhe a lição das sílabas, depois a carta de nomes, em seguida... A leitura, com aproximadamente um mês, já ia desembaraçada, o menino sendo capaz de entender o conteúdo da carta e desenhar outra. Depois Miguel enfrentaria a tabuada com a mesma presteza e inteligência, sem chorar nem escorar-se. Nem podia fazer. A disciplina do velho era dura. Castigos com palavras e ameaças e, quando sem resultado, apelação para os corporais.

O aprender passava por uma prática docente rígida. Era aprender ou aprender, não havia outra saída para o aluno. Quando o método de ensino não surtia efeito, o velho mestre-de-filhos<sup>1</sup> recorria a uma prática comum naquele período: o uso dos castigos corporais.

Em estudo realizado em torno das práticas cotidianas da escola primária, entre os anos de 1890 e 1920, na Paraíba, Ana Maria de Oliveira Galvão (1998) dá destaque ao espaço familiar como o primeiro lócus de contato com a cultura escrita e à ação da família no processo de alfabetização das crianças. Conforme Galvão (1998, p. 121),

Inicialmente o aprendizado da leitura e da escrita se dava no interior do próprio engenho. As mulheres da casa, além de todas as atribuições que tinham, também se incumbiam dessa tarefa. ‘Desasnar’ meninos e meninas era tarefa inicial da mãe, das tias ou das irmãs. Em alguns casos, os proprietários de engenho ou fazenda contratavam professores para alfabetizar as crianças que ali habitavam.

Percebe-se que essa era uma prática comum no interior dos Estados brasileiros. Em virtude da omissão do Estado, as famílias assumiam o papel de educadoras das crianças.

Miguel assume o ofício de mestre-escola e passa a ensinar, inicialmente, às crianças do povoado Diogo, até se aperfeiçoar e começar a se deslocar por várias localidades de Picos. Conforme Moura (2005, p. 41):

Cedo Miguel toma outro rumo que não o do eito, torna-se mestre das primeiras letras, em virtude da inteligência e da habilidade reconhecidas pelo pai e pelos irmãos, pelos parentes e conhecidos do Diogo.

[...]. Saía, sim, à procura de alunos – pequenos e grandes – para alfabetizar e ensinar os primeiros rudimentos da aritmética, o que sabia. Conhecia as lições de Antônio Trajano, do princípio ao fim, ou seja, a aritmética elementar. Com o passar dos anos, Miguel Guarani foi-se aperfeiçoando, quer por conta própria,

---

<sup>1</sup> Terno cunhado pelas pesquisadoras para explicar a existência de um tipo específico de mestre, o que ensina apenas os filhos.

quer procurando pessoas mais experientes, e já na idade madura destrinchava também a Aritmética Progressiva, passo mais avançado do mestre Trajano.

O Mestre Guarani formou-se no labor diário, buscou se aperfeiçoar e adquirir novos saberes necessários à profissão, evidenciando a relação que há entre tempo, trabalho e aprendizagem dos saberes profissionais que, para Tardif (2003, p. 58) são:

[...] saberes mobilizados e empregados na prática cotidiana, saberes esses que dela provêm, de uma maneira ou de outra, e servem para resolver os problemas dos professores em exercício, dando sentido às situações de trabalho que lhes são próprias.

Em meados de 1946, Francisco Miguel de Moura começa a lecionar as primeiras letras em casas de famílias da região, seguindo os passos do velho mestre-escola Miguel Guarani. Segundo Moura (2005, p. 142):

Com a chegada a Santo Antônio, praticamente estava encerrada a diáspora da família de Miguel Guarani. Houve adaptações na vida do casal Miguel e Zefa, é claro. Para os meninos, que já eram crescidos, foi um deslumbramento. Tudo novo, lugar e gente. Logo se acostumaram.

Chico passou a lecionar as primeiras letras, como fizera Miguel antes, em casas de família, desde Bocaina a Jenipapeiro, nas comunidades mais pobres. Por quê? Porque o custo era menor. O ganho era todo entregue ao pai, para ajudar no sustento da família.

Ainda na adolescência o poeta Francisco Miguel de Moura deu os primeiros passos na docência, como fizera seu pai, na condição de mestre-escola. Chama atenção o fato do pagamento das aulas por ele ministradas serem destinadas ao pai, para custeio das despesas da família, demonstrando a situação econômica da família e o perfil de filho zeloso que era o poeta.

### **Considerações finais**

A trajetória educativa do literato piauiense Francisco Miguel de Moura foi marcada pela influência dos ensinamentos de seu pai, o mestre-escola Miguel Guarani. De aprendiz a mestre, o poeta vivenciou momentos importantes da história da educação picoense, aprendendo a aprender e a ensinar, contribuindo com a educação no espaço rural.

A realidade social e educacional do município de Picos-PI, entre os anos de 1910 a 1971, é construída, pensada, dada a ler através das páginas da biografia de Miguel Borges de Moura.

Viu-se, através da obra biográfica “Miguel Guarani: mestre e violeiro” a maneira como se dava o ensino das primeiras letras e como o modelo de ensino ali empreendido foi capaz de engendrar um tipo de professor responsável pelo desenvolvimento humano das crianças e adultos e que influenciou a formação docente do poeta.

## Referências

ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico**: dilemas da subjetividade contemporânea. Tradução Paloma Vidal. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2010.

BLOCH, Marc. **Apologia da história ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BURKE, Peter. A nova história, seu passado e seu futuro. In: \_\_\_\_\_. **A escrita da história**: novas perspectivas. Tradução Magda Lopes. São Paulo: Ed. UNESP, 1992.

CHARTIER, Roger. **História Cultural**: entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

FORMOSINHO, João (Coord.). **Formação de professores**: aprendizagem profissional e acção docente. Porto: Porto, 2009.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. “A palmatória era a sua vara de condão”: práticas escolares na Paraíba (1890-1910). In: FARIA FILHO, Luciano Mendes (Org.). **Modos de ler/formas de escrever**: estudos de história da leitura e da escrita no Brasil. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Vértice/ Revista dos Tribunais, São Paulo, 1990.

LE GOFF, Jacques. A história nova. In: LE GOFF, Jacques. (Org.). **A história nova**. Tradução Eduardo Brandão. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

LOPES, Eliane Marta Teixeira; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **História da Educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

MORAES, Herculano. **Visão histórica da Literatura Piauiense**. 4. ed. Teresina: COMEPI, 1997. Tomos II; III.

NÓVOA, Antonio. Do mestre-escola ao professor do ensino primário: subsídios para a história da profissão docente em Portugal (séculos XV-XX). **Análise Psicológica**. v. 3, p. 413- 440, 1987. Disponível em: <[http://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/2200/1/1987\\_3\\_413.pdf](http://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/2200/1/1987_3_413.pdf)>. Acesso em: 10 jul. 2014.

PEREIRA, Antônio Sampaio. **Velhas escolas – grandes mestres**. Teresina: COMEPI, 1996.

PINHEIRO, Welbert Feitosa. **De Tamboril a Isaías Coelho**: a educação dos mestres-escola ao grupo escolar (1935-1970). 167 fls. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Piauí, 2007.

REIS, Carlos. **O conhecimento da literatura**: Introdução aos Estudos Literários. 2. ed. Coimbra: Almedina, 1999.

SOUZA, Maria Cecília Cortez Cristiano de. **Escola e Memória**. Bragança Paulista: Ed. USF, 2000.



THOMPSON, Paul. **A voz do passado:** história oral. Trad. Lélío Lourenço de Oliveira. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VILLELA, Heloísa de O. S. O mestre-escola e a professora. In: LOPES, Eliana M. T.; FARIAS FILHO, Luciano Mendes; VEIGA, Cynthia G. **500 anos de educação no Brasil.** 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

**Recebido em:** 17.06.2014

**Aceito em:** 20.04.2015233